

# REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO EM INGLÊS E PORTUGUÊS BRASILEIRO: OBSERVAÇÕES INICIAIS<sup>1</sup>

Leland McCleary\*

Evani Viotti\*

**RESUMO:** Segundo Talmy (2003b), todas as línguas orais gramaticalizam uma seleção de elementos determinantes da representação espacial a partir de um inventário universal. Esses elementos são agrupados em esquemas que as línguas disponibilizam, ainda segundo Talmy, em formas de classe fechada (gramaticais). Este artigo inicia uma investigação sobre a representação do espaço no português brasileiro (PB) a partir de uma comparação de alguns esquemas espaciais do PB com os do inglês. Os resultados indicam que, para representar o espaço, o PB depende menos do que o inglês de formas de classe fechada, e mais da composição sintática de formas de classe aberta (lexicais). Isso sugere uma revisão da importância atribuída por Talmy às formas de classe fechada na representação do espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** esquemas espaciais, gramaticalização, preposições, representação espacial.

## Introdução

Em trabalhos recentes, Talmy (2000, 2001, 2003a, 2003b) propõe a integração dos inúmeros fatores que

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa maior, que tem por objetivo investigar a representação do espaço no português brasileiro (PB) e na língua de sinais brasileira (LSB). A investigação tem dois aspectos: um, eminentemente descritivo, visa ao levantamento e análise das propriedades da LSB, em especial do que tem sido considerado seu sistema de classificadores espaciais; o outro, de cunho teórico, é o de verificar as propostas de Talmy sobre o sistema de representação espacial lingüístico e suas conclusões sobre as causas das diferenças entre línguas de sinais (LSs) e línguas orais (LOs) com relação à estruturação do espaço.

\* Universidade de São Paulo – USP.

têm sido considerados determinantes da representação espacial em todas as línguas orais (LO) já descritas e estudadas, em um sistema único e universal, que deveria, portanto, valer para todas as línguas naturais.<sup>2</sup>

A proposta de um sistema universal de representação espacial parte da observação de que todas as línguas orais gramaticalizam agrupamentos de elementos espaciais fundamentais, selecionados a partir de um inventário de elementos distribuídos em um número limitado de categorias, cada categoria contendo um número limitado de opções. Esses agrupamentos, ou esquemas, são expressos nas línguas, segundo Talmy, em formas de classe fechada (FCF). Por “formas de classe fechada”, Talmy entende o subsistema da gramática das línguas que abrange formas que são pouco numerosas e cujo número dificilmente aumenta. Entre elas estão as formas presas de flexão e formas livres como preposições e conjunções. As formas de classe fechada diferem das de classe aberta (FCA), compostas de elementos bastante numerosos e cujo número pode aumentar facilmente, como radicais de nomes, verbos e adjetivos. Segundo Talmy, a diferença entre as FCAs e as FCFs é que as primeiras “carregam sentidos” (são *meaning-bearing*) enquanto as últimas “carregam estrutura”. Talmy considera que os esquemas de representações do espaço que uma língua disponibiliza nas FCFs são estruturantes, mas que essas estruturas “pre-programadas” das FCFs são sujeitas a “propr-

---

<sup>2</sup> Segundo Talmy, as LSs apresentam uma estruturação da representação do espaço que difere substancialmente da estruturação espacial de LOs. As LSs parecem representar o espaço por um sistema que se aproxima mais das características da análise espacial própria da percepção visual (“*structural characteristics of scene parsing in visual perception*”) para marcar distinções mais finas, a partir de um inventário que contém mais elementos, mais categorias, e mais elementos por categoria. Essas diferenças colocam um desafio à universalidade do sistema único de estruturação espacial. Partindo do pressuposto de que as línguas de sinais, tanto quanto as línguas orais, são línguas naturais, o objetivo da comparação dos dois sistemas de representação do espaço é o de determinar quais das características podem ser atribuídas a um sistema lingüístico comum (presumivelmente universal), e quais devem ser consideradas adaptações desse sistema básico em função do modo (oral ou sinalizado) em que a língua se realiza.

idades e processos” característicos das línguas orais pelos quais elas podem sofrer extensões ou distorções. Essa “flexibilização” dos esquemas possibilita que, a partir de um número limitado de esquemas gramaticalizados<sup>3</sup> de uma língua, representem-se estruturas espaciais de um número muito maior de cenas.

Essas propriedades (como “neutralidade topológica”) e os processos (como “extensão a partir do protótipo” (*extendibility from the prototype*), ou “distorção” (*stretching*), na visão de Talmy, não fazem parte integral do sistema básico de representação do espaço da línguas orais (composto pelas FCFs, que são especificamente dedicadas a esse fim), mas são propriedades e processos mais gerais que interagem com esse sistema. Os efeitos dessa interação observados por Talmy são sempre efeitos das composições sintáticas que se fazem com formas lexicais. Como vai ficar claro ao longo deste trabalho, os dados apresentados para o PB justificam questionar a separação categórica feita por Talmy entre os recursos de representação de espaço gramaticalizados em FCFs e aqueles disponibilizados pela língua nas FCAs.

Nosso ponto de partida foi uma comparação de alguns esquemas gramaticalizados em FCFs no inglês com a correspondente representação do espaço no PB. Os resultados obtidos até o momento indicam que o PB depende significativamente menos do que o inglês do uso de formas de classe fechada para representar o espaço, precisando, em várias instâncias, valer-se das classes abertas para realizar essa representação. Esse fato, por si só, já sugere que a demarcação que Talmy propõe entre LOs de um lado, e LSs de outro, no que diz respeito à estruturação do espaço, pode não ser tão clara quanto parece.

---

<sup>3</sup> Embora Talmy não use o termo “gramaticalização” para caracterizar o processo de fixação dos esquemas em FCFs, o uso se justifica pelo fato de as FCFs serem consideradas formas “gramaticais” (ao contrário das “lexicais”) e de serem, na maioria, tanto as livres quanto as presas, resultado de um processo de gramaticalização, com perdas de conteúdo semântico e fonológico.

